

As representações da cultura: a cidade como cenário de interculturalidade ¹

Mônica Nunes NEUSTADT²
Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

A Cidade do Rio de Janeiro abriga diariamente iniciativas culturais que ocupam o espaço urbano. Propostas híbridas que utilizam “partes” da metrópole, mesmo que sejam por um curto espaço de tempo, mas que podem interferir e influenciar a forma em que os sujeitos “vivenciam” a cidade. Foi-se em busca dessas intervenções culturais no centro “nervoso” e econômico do Rio de Janeiro. Circulou-se pelas ruas até encontrar o que se procurava, no Largo da Carioca, com a apresentação da Banda argentina *Dominga Petrona*. Pretende -se neste artigo trabalhar a ideia de como iniciativas artísticas podem ampliar a função do espaço urbano, não apenas resumido às vias de acesso planejadas que destinam-se ao ir e vir de pedestres acelerados, mas como cenário de compartilhamentos de experiências interculturais.

Palavras-chave

Cidade; interculturalidade; música; Dominga Petrona.

Introdução

A cidade contemporânea é um espaço de convivência entre os sujeitos sociais. Ela abriga iniciativas culturais do homem comum, do cotidiano, possibilitando uma nova maneira de se pensar as relações sociais. A visão apenas funcionalista, objetiva, de um espaço de fluxos de dinheiro e trabalho (SIMMEL, 1987) já não é suficiente para tratar a metrópole.

A ocupação do espaço urbano acontece de uma forma dinâmica e por pluralidades culturais. A divisão em um sistema de tribos que disputa e negocia as “partes” da cidade não acontece de forma rígida, mas sim por meio de uma maleabilidade de limites mesmo que por um curto espaço de tempo. Com isso, há uma influência, uma “mistura” dessas

¹ . Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Pós- Graduação em Comunicação Empresarial pela Universidade Cândido Mendes (UCAM-AVM) e graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). E-mail: monicaneustadt@gmail.com

várias dinâmicas culturais, possibilitando uma nova maneira de se configurar os trajetos da cidade.

Haesbaert afirma que “a vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para o outro, abandonando territórios, fundando novos”. (2006a, p. 138)

Segundo o autor (2004), a visão dos “culturalistas” da desterritorialização estaria ligada principalmente à disseminação de uma hibridização de culturas, dissolvendo os elos entre um determinado território e uma identidade cultural correspondente.

A partir do final do século XX, admitiu-se a “diversidade” de culturas, (CANCLINI, 2009), colocando em evidência sua diferença e sugerindo políticas relativistas de respeito que, às vezes, reforçam a segregação. No entanto, a interculturalidade está relacionada ao confronto e à mistura, identificada quando os grupos interagem. E essa é uma situação que se encontra em comunidades que participam de iniciativas artísticas no tecido urbano e, nesse caso específico, o centro do Rio.

Além disso, essa parte da cidade é um excelente exemplo da presença de práticas das “artes do fazer” cotidiano (DE CERTEAU, 1994). Ao circular pelo Largo da Carioca é fácil encontrar essas manifestações que “fogem” da aceleração da metrópole, mesmo que ocorram há poucos metros da “agitação” das vias de acesso planejadas.

Desse modo, o objetivo desse artigo é trabalhar a ideia de como apresentações musicais podem ampliar a função do espaço urbano como um cenário de compartilhamentos de experiências interculturais e de novas formas de ocupação da cidade.

Alguns olhares sobre a cultura

Como pode-se definir o conceito de cultura? Essa pergunta, que já foi apresentada em várias obras de Peter Burke, não possui uma resposta simples. Burke (2008) afirma que, no século XIX, o termo era empregado na descrição da arte, da literatura, da música, da filosofia e da ciência, mas que teve seu conceito ampliado para iniciativas populares como música folclórica e medicina popular. “Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar).” (2008, P.43).

O autor afirma ainda que a definição de cultura com um olhar antropológico já havia sido trabalhada por Bronislaw Malinowski (1931) no artigo divulgado na *Encyclopedia of the Social Sciences* em que ele amplia o conceito incorporando, por exemplo, heranças de artefatos, ideias, hábitos e valores.

É importante nesse contexto apresentar a contribuição de Raymond Williams, que na obra clássica, *Culture and society* (1958), elaborou um histórico sobre o assunto, resultando a ideia de que a “cultura comum ou ordinária” pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência com qualquer outro.

Portanto, surge a valorização da cultura do homem comum, da rua, do cotidiano. A chamada “cultura popular” é reconhecida pelo “estilo de vida” do cidadão comum e não apenas em função de noções embasadas nas áreas econômica e política (MAIA, 2005). Dessa forma, possibilitou um novo modelo de se pensar as relações sociais na Contemporaneidade.

Sendo assim, a cultura popular vista como as representações das culturas camponesas e tradicionais que, na América Latina, significavam a parte majoritária já não dão mais conta. O folclore com o caráter fechado e estável no universo arcaico (CANCLINI, 2006) foi ampliado por meio de relações versáteis que as tradições tecem com a vida urbana. “As tradições se reinstalam mesmo para além das cidades: em um sistema interurbano e internacional de circulação cultural.” (CANCLINI, 2006, p.218). Portanto, no pensamento do autor, a cultura não é clivada, sempre tem um caráter transnacional.

Essa circulação cultural tem a cidade contemporânea como uma fiel aliada. O espaço urbano ao ser ocupado por iniciativas artísticas possibilita a apresentação da diversidade cultural que utiliza a rua como o palco ideal de experiências e vivências compartilhadas, “abandonando” a metrópole-funcionalista, conectada ao mundo globalizado, antenada às cotações das bolsas de valores e à produção de bens e serviços.

Vivenciando a cidade cultural

Meio dia. Setembro de 2014. É primavera, mas nem parece. O calor é típico de um dia de verão carioca, com sol escaldante, um vapor quente sai do chão e nem uma brisa para refrescar. Além de enfrentar a alta temperatura característica de um país tropical, o desafio é atravessar a Avenida Rio Branco, no Centro “nervoso” e econômico do Rio de Janeiro, fugindo dos canteiros de obras que se espalham por toda a via e dos outros pedestres que disputam o mesmo espaço. Uma meta nada fácil de ser alcançada em se tratando de um espaço de fluxos de dinheiro, de trabalho e de lazer.

Com cada atravessar de rua, como o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade faz um contraste profundo com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. (SIMMEL, 1987, p.12)

A intensidade é a palavra de ordem da cidade contemporânea. É praticamente impossível acompanhar o seu ritmo frenético, impulsionado pela linguagem audiovisual dos meios de comunicação.³ É uma explosão sígnica que envolve de uma forma intensa por meio de arte urbana, estilos musicais, moda e apelos publicitários. É difícil dar conta de assimilar todo o conteúdo desse “mundo” midiático que se transformou as metrópoles.

No entanto, em andanças pela cidade é possível “fugir” da objetividade e da precisão imposta pelo espaço urbano, construindo a própria cartografia, criando mapas simbólicos próprios, utilizando “brechas” que, em muitos casos, são mais interessantes que os trajetos principais e lineares estabelecidos por especialistas em tráfego.

O caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial. E se, de um lado, ele torna efetivas algumas somente das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui, mas não por lá), do outro aumenta o número dos possíveis (por exemplo, criando atalhos ou desvios) e o dos interditos (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos ou obrigatórios). (DE CERTEAU, 1994, p.178)

³ Segundo dados do Censo Demográfico 2010 realizado pelo IBGE, 95,1% dos domicílios brasileiros possuem televisores. Em relação à Região Sudeste, esse índice aumenta para 97,4 %.

O sujeito, ao circular pela urbe, não seleciona somente os caminhos que pretende traçar como também a forma de se apropriar do espaço, que surge a partir da criação de comunidades de sentido ou de novas formas de uso. Essas descobrem modos inéditos de experimentar o tempo, reinventando lugares e significados que modificam as antigas formas de relacionamento com o espaço.

A ocupação da cidade contemporânea acontece de uma forma dinâmica e por pluralidades culturais. A divisão em um sistema de tribos que disputa e negocia territórios não acontece de forma inflexível, estandardizada, muito pelo contrário, há uma maleabilidade de limites mesmo que por um breve período de tempo. “As áreas de influência dos grupos, que vivem nessa cidade mergulhada em tantas culturas, sofrem transformações com o tempo, e, assim, as demarcações territoriais são ressignificadas e um novo traçado se configura.” (MAIA, 2012, p.7).

Desta forma, ela constrói o seu imaginário de modo aberto sem permitir “amarras” que dificultem a sua constante renovação diária por meio do “jogo cotidiano entre centramento - descentramento, territorialização -(des) territorialização -(re) territorialização, fronteiras fixas-movêdicas, nas quais as diversas “neotribos” tecem os significados dos lugares onde estabelecem seus intercâmbios culturais” (FERNANDES, 2011, p.8).

Haesbaert (2006a, p. 138) afirma que “a vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para o outro, abandonando territórios, fundando novos”.

Na visão do autor (2006 a.), mais do que o desaparecimento dos territórios, discutir a complexidade dos processos de (re) territorialização significa construir territórios muito mais múltiplos, tornando mais complexa a multiterritorialidade. Para Haesbaert (1994, p. 214), “mais do que a desterritorialização desenraizadora, manifesta-se um processo de reterritorialização espacialmente descontínuo e extremamente complexo”.

A cidade do Rio de Janeiro é palco dessas relações em que os espaços são redefinidos segundo as continuidades e as discontinuidades delimitadas por modos de estar, de vivenciar, de experienciar os locais e lugares por meio de uma prática cultural glocal (ROBERTSON, 2002). No próximo item deste artigo, pretende-se apresentar um pouco desse contexto no Centro da metrópole carioca.

Centro do Rio: palco de interculturalidade

O Centro do Rio de Janeiro é um excelente exemplo de uma cidade embebida por uma diversidade cultural em que músicos de rua convivem e dividem a urbe de uma forma maleável.

Ao circular pelo Largo da Carioca, no horário do almoço, é possível encontrar algumas manifestações culturais como uma banda de músicos argentinos tocando rock americano ou ainda um brasileiro ao violão, apresentando seu novo CD de música instrumental. Eles ocupam o espaço urbano de uma forma não programada, mas se ajustam ao local e à dinâmica frenética da cidade (não se esqueçam que se está em pleno centro “nervoso” e econômico da segunda maior cidade do país).

Apesar da proximidade com a Avenida Rio Branco, naquele “cantinho” do Largo da Carioca em frente à estação do Metrô, é possível “fugir” da aceleração do trânsito congestionado e barulhento, da multidão se esbarrando nas calçadas e dos apelos sígnicos que buscam atenção. Pelo menos, naquele momento, é possível romper a programação do tempo da cidade moderna destinada ao ciclo da produção das mercadorias (FERNANDES, 2011), possibilitando a desaceleração da vida na cidade, onde os sujeitos se reúnem a fim de aproveitar daquele momento e das opções culturais oferecidas.

É esse espaço de convivência que proporciona, nem que sejam por alguns poucos minutos, sair do aqui e do agora, das obrigações cotidianas, para participar de uma outra tribo, conforme argumenta Maffesoli: “cada um pode, igualmente, e num lapso de tempo muito curto, irromper em outro território, em outra tribo, em outra ideologia” (1998, p. 202).

A participação efêmera de um grupo de passantes, que se reúne para assistir a uma breve apresentação cultural, se transforma naquele curto espaço de tempo em uma comunidade de expectadores que trocam experiências e vivenciam o momento.

Nesse cenário, destacam-se formas inéditas de comunidades, não mais determinadas por pertencimentos estáveis; ao contrário, novas formas surgem a partir de associações estáveis, efêmeras, não dadas, que emergem das contínuas hibridações, contaminações criativas e encontros/desencontros entre culturas diversas, afirmando-se por meio das

relações entre os homens que, incessantemente, se apropriam, produzem e transformam o território e os lugares. (LIMENA, 2009, p.66)

Propõe-se, deste modo, compreender o centro do Rio de Janeiro a partir de uma perspectiva intercultural e, assim, adentrar o universo das redes que tecem o cotidiano do espaço urbano. Remete-se ao pensamento de Canclini (2009) ao afirmar que “a interculturalidade tem o benefício de oferecer um conceito mais neutro para descrever o que acontece, quando agentes sociais interagem com formações culturais diferentes.” (2009, p.144).

Essas trocas, experiências e negociações entre os diversos passantes-expectadores, camelôs que também dividem o espaço público e os integrantes da banda *Dominga Petrona* serão tratadas no tópico a seguir deste trabalho acadêmico.

Dominga Petrona

Com dois anos de formação, os integrantes da banda *Dominga Petrona* decidiram deixar a Argentina e “tentar a sorte” no Rio de Janeiro. Desde maio de 2012 na cidade, os quatro argentinos e um chileno utilizam praças, calçadas de bares na zona sul, enfim, espaços públicos, para divulgar o trabalho. Encontrou-se o grupo no Largo da Carioca em frente à estação do Metrô, no horário do almoço, em uma sexta-feira.⁴

Segundo um dos integrantes da banda, Mathias Donati, é a primeira vez que o grupo sai da Argentina para apresentar o trabalho internacionalmente. A escolha pela cidade aconteceu porque um amigo já estava por aqui e convidou-os para vir passar uns tempos em terras brasileiras. A permanência no Rio de Janeiro não tem prazo determinado para terminar e, de acordo com Donati, o grupo ainda não decidiu se fará apresentações em outros estados. No entanto, já está certo que a banda em breve lançará novo disco chamado “Rio”.

O músico contou ainda que o *Dominga Petrona* chegou a tocar em calçadas em frente a restaurantes e bares badalados da zona sul. No entanto, donos de estabelecimentos comerciais irritados com a presença dos músicos argentinos pediram que os artistas se

⁴ Pesquisa etnográfica realizada em 21/09/2014.

retirassem já que “incomodavam” os clientes. Depois desse episódio, a banda carrega como amuleto, uma cópia da Lei Municipal 5.429, de 5 de junho de 2012, que dispõe sobre a apresentação de artistas de rua nos logradouros públicos do Rio. Todo lugar é lugar, desde que os shows sejam gratuitos, não atrapalhem a passagem do público, prescindam de palco, tenham duração de no máximo quatro horas, acabem antes das 22h e não possuam patrocínio privado.

A escolha pelo Largo da Carioca ocorreu pela grande circulação de pessoas e por ser um espaço mais “democrático”. Realmente ao andar a pé pela região é possível encontrar grupos de oração, camelôs vendendo produtos da época, além de apresentações musicais de vários gêneros.

Portanto, a divulgação do trabalho em solo carioca mudou de lugar, em meio a um sol escaldante de primavera. Durante a apresentação, integrantes da banda reuniram no repertório rock americano e jazz. Foram necessários apenas alguns acordes para que uma roda de passantes-expectadores se formasse em torno do grupo. Eram *office-boys* em horário de almoço, homens em ternos alinhados, mulheres, idosos, mães com crianças no colo. Havia também aqueles que passavam apressadamente, olhavam se entender muito bem o que acontecia e seguiam o caminho. Mas as pessoas que ficaram para assistir, interagiam, algumas faziam gestos tímidos, como bater o pé tentando acompanhar o ritmo da música, “experienciavam” uma cultura diferente.

[...] Interculturalidade remete à confrontação e à mistura entre sociedades, ao que acontece quando os grupos entram em relações e intercâmbios.
[...] Implica que os diferentes se encontram em um mesmo mundo e devem conviver em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos. (CANCLINI, 2009) ⁵

O que esses atores sociais tinham em comum? Um momento de folga, o horário do almoço, um tempinho antes da entrada no trabalho.... Pouco interessam os motivos que fizeram aqueles sujeitos pararem para assistir ao espetáculo, mas sim a importância que eles tiveram ao se transformarem em uma única comunidade, identificada na centralidade da “experiência”, conforme Michel Maffesoli retrata no livro *O ritmo da vida*:

⁵ CANCLINI, Néstor García, *Diversidade e Direitos na Interculturalidade Global*. In: *Revista Observatório Itaú Cultural/OIC*. N.8. São Paulo: Itaú Cultural, Abril/Julho,2009.

[...] a experiência é a palavra-chave para explicar a relação que cada um estabelece com o grupo, a natureza, a vida em geral. Experiência que ignora escrúpulos racionais, repousando essencialmente no aspecto nebuloso do afeto, da emoção, da sintonia com o outro. [...] O lugar central da experiência exprime-se através desse resvalar que vai da História geral e segura de si às pequenas histórias que constituem o cimento essencial das tribos urbanas. Com isto, o discurso doutrinário dá lugar à vibração comum e ao sentimento de pertencimento que isto fatalmente induz (MAFFESOLI, 2007, p. 203-205).

Abaixo, uma foto da apresentação da banda argentina ao lado da estação do metrô do Largo da Carioca.



Foto: Banda *Dominga Petrona*. Fonte: Acervo pessoal Mônica N. Neustadt

Considerações Finais

Percebe-se como a metrópole contemporânea é um terreno fértil no que tange ao oferecimento de objetos de estudo ao meio acadêmico. Basta circular pela cidade do Rio de Janeiro para perceber que as ruas pulsam em diversas cadências. Muitas são as formas de apropriação do espaço urbano como é o caso da banda argentina *Dominga Petrona*, objeto deste artigo.

Confirma-se a hipótese de que o passeio no Largo da Carioca, no Centro do Rio de Janeiro, pelo menos durante a apresentação do grupo, transformou o local em um lugar de compartilhamento entre os expectadores, em que “curtir o som” para os participantes da roda era mais importante do que as situações que aconteciam nas imediações. Era uma oportunidade de “estar junto” com aquela comunidade musical que se formou, vivenciando a cidade e modificando o cotidiano urbano.

A música proporcionou o re-desenho da espacialidade em que os indivíduos se relacionam e ocupam o espaço de uma forma não-programada, possibilitando uma ressignificação daquele trecho emblemático e histórico da cidade.

Ao se reunirem para assistir à apresentação da banda, os passantes-expectadores criaram um processo de sociabilidade que surge do compartilhar de uma experiência sonora presencial. Para Fernandes (2012) essa vivência, “gesta um *ethos* do lugar, uma estética e um modo de ocupar próprios, diferenciando-os de outros lugares da cidade, desenhando novas territorialidades.” (2012, p.77).

Nota-se ao circular pelo centro do Rio de Janeiro, como iniciativas musicais efêmeras ou programadas, com dia e hora pré-estabelecidos, proporcionam um novo olhar sobre a cidade, não somente a produtiva, a “acelerada”, mas como palco de interculturalidade e de vivências que reconfiguram territorial, social e culturalmente a metrópole contemporânea.

Referências

BIANCHI, E.; MAIA, J. L. A.. **Territórios**: Certezas transitórias e escolhas fluidas. In: Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Fortaleza, CE, 2012, Fortaleza.

BORELLI, S. H. S.; CARVALHO, E. A. ; MORIN, E. ; PRYSTHON, A. ; LIMENA, M. M. C. **Cidades globais, cidades virtuais**: a construção da identidade-lugar em tempos de incerteza. In: BORELLI, S.H. e FREITAS, R. F.. (Org.). Comunicação, narrativas e culturas urbanas. 1a.ed.São Paulo, Rio de Janeiro: EDUC, UERJ, 2009, p. 63-77.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: 2010, Companhia das Letras.
_____. Modernidade, cultura e estilos de vida. In: CAMARGO, Luiz Octavio de Lima.

BUENO, Maria Lucia. (org). **Cultura e Consumo. Estilos de vida na Contemporaneidade**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2006.

_____. **Diversidade e Direitos na Interculturalidade Global**. In: Revista Observatório Itaú Cultural/OIC. N.8. São Paulo: Itaú Cultural, Abril/Julho,2009.

DE CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FERNANDES, Cíntia. **Territorialidades cariocas**: Cultura de Rua, Sociabilidade e música nas “Ruas-galerias” do Rio de Janeiro. In: FERNANDES, Cíntia, MAIA, João, HERSCHMANN, Micael (org). Comunicação e Territorialidades Rio de Janeiro em Cena. São Paulo: Anadarco,2012.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006a.

HERSCHMANN, Micael, FERNANDES, Cíntia Sanmartin. **Territorialidades sônicas e re-significação de espaços do Rio de Janeiro**. In: Revista Logos, Rio de Janeiro: n.35, p. 6-17,2011.

HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luiz C. e FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação**: Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

<http://oglobo.globo.com/cultura/musica/bandas-ocupam-pracas-calcadas-trens-do-rio-passam-chapeu-multiplicam-vendas-de-discos-16362472#ixzz3fgW9kk8w> . Último acesso em 12/07/2015

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAIA, João, KRAPP, Juliana. **Comunicação e comunidade**: novas perspectivas das sociabilidades urbanas. In: FREITAS, Ricardo; NACIF, Rafael. (org.). Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.

ROBERTSON, Roland. **Globalização**: Teoria Social e Cultura Global. Petrópolis: Vozes, 2002.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1973.